

funda... Exatamente isso é o que interessa à logoterapia, embora redefina a "profundidade" como "elevação" e conseqüentemente se entenda a si mesma como "psicologia elevada".

As citações acima indicaram as fontes das quais vivemos. Busquemos estímulo numa psicologia realmente espiritual para redefinir o acesso a essas fontes e caso necessário desobstruí-lo tanto para nós mesmos como para os outros.

Uma interpelação crítica à filosofia da polaridade

Entre os enfoques filosóficos e religiosos de hoje há um que foi proposto e desenvolvido por importantes pensadores, isto é, a filosofia da polaridade. O último a formulá-la genialmente foi Bijan Amini,⁷ que tenta derivar dela novos argumentos para uma pedagogia da crise por ele desenvolvida. Ao fazê-lo, refere-se entre outras, às ideias de Viktor E. Frankl. Todavia, a logoterapia não segue conceitualmente a filosofia da polaridade. Uma discussão dos prós e contras mostrará as razões dessa posição.

Inicialmente alguns esclarecimentos sobre a filosofia da polaridade. De acordo com ela, todo fenômeno de representações humanas tem duas metades polares, que se fundamentam e se condicionam reciprocamente. Começando pela inspiração e expiração ou pela tensão e distensão até a verdade e o erro, ou a vida e a morte, tudo oscila dentro dessa "dualidade", à qual se chegou — e aqui começa a crença — pela divisão de uma unidade primordial. "A estrutura e a dinâmica polares atestam a dor da divisão do uno primordial e o desejo da reunificação. No princípio existiu a unidade primordial e no fim está ou deve estar a reunificação das duas metades polares numa totalidade. Entre ambas, no meio disso,

encontra-se a polaridade, em que se desenrola o horizonte do nosso ser e do nosso conhecimento”, escreve Bijan Amini. Daqui deduz que também toda crise da vida encerra em si perigo e oportunidade e, conseqüentemente, pode ser enfrentada com surdo desespero ou com um crescimento orientado para um sentido da vida, dependendo de qual pólo esteja em mira. Segundo Amini, a pedagogia da crise visa “considerar o processo (crítico) como apenas uma das metades polares do processo da vida. O amadurecimento consiste em buscar, interpretar e encontrar a outra metade. O ideal é que a própria pessoa envolvida complete e conclua a história”.

Bijan Amini ilustra as suas teses com um exemplo comovente. Quando Gandhi estava agonizando, aproxima-se dele um hindu que tinha matado uma criança muçulmana em vingança da morte do seu filho, que os muçulmanos tinham assassinado anteriormente. O círculo vicioso entre sofrimento padecido e infligido no emaranhado de dor e culpa parecia não ter fim. A crise era perfeita. Contudo ainda havia uma chance. Um lado totalmente diferente, um “pólo oposto” como pensa Amini. Gandhi utilizou-o no seu conselho ao hindu: “Eu conheço um caminho que te libertará do tormento. Procura uma criança órfã, cujos pais foram mortos, um menino... e trata-o como se fosse teu filho. Deve ser muçulmano, estás ouvindo? E educa-o como tal”!

No contexto do exemplo Bijan Amini remete a Viktor E. Frankl, que na sua vida e na sua obra mostrou que não há golpe do destino, por mais duro que seja, no qual o homem não possa descobrir um sentido. “Quanto mais difícil for solucionar o enigma do sentido, tanto maior será o desafio para a consciência, isto é, tanto maior será a oportunidade de amadurecimento (do homem)”, diz Amini. Naturalmente não há nada a objetar contra isso. Nossas objeções não são contra a solução do enigma de

sentido acima, que parece até um caso clássico de logoterapia, quando comparado com as obras de Frankl e seus discípulos sobre a temática da superação de agressões.⁸ A restrição refere-se ao fundamento teórico daquela excelente solução pela filosofia da polaridade. Pois, em termos bem simplificados, esta sugere uma justaposição de dois pólos de valor igual, duas metades em que foi rompida a unidade primordial. Como uma noz que se parte em duas partes quando se pisa sobre ela. Encontrando a metade que saltou ou se perdeu, podemos novamente uni-la com a primeira, formando uma unidade e tudo estará “bem”, porque corresponde ao estado original.

Evidentemente existe tal justaposição de dois pólos de igual valor. Exemplos são os já mencionados casos de inspiração e expiração ou o ritmo de tensão e distensão. Dia e noite, homem e mulher, calor e frio constituem outros pares de pólos entre muitos mais. Mas não é este o caso de conservação e destruição da vida, verdade e erro, amor e ódio. Pares desta categoria não são justapostos. Encontram-se numa relação de sobreposição e por isso na verdade não se trata de pares e muito menos de pólos. Aqui se aplica a famosa frase de Spinoza: “A verdade é a norma de si mesma e do erro”, o que significa que nestes casos se trata de um único valor, que existe em si e por si. Não se origina, portanto, no contraste com um não valor como pólo oposto, mas é a “sua própria norma”, possui sua própria realidade, ou seja, o seu próprio valor. O homem não é o valor maior em relação à mulher, mas a vida é o valor maior em relação à sua destruição. A natureza inspirou a todos os seres vivos um sentimento disso sob a forma de uma vontade indomável de sobrevivência. Analogamente, a verdade é o valor mais alto em relação ao erro, e o amor o valor mais alto em relação ao ódio. O valor que existe por si mesmo é, por assim dizer, o pólo favorecido, eticamente justificável, o pólo

marcado pelo *logos*, o “devo”, para o qual afluí todo ser. E o que é o outro pólo? Nada. Não é nada por si mesmo. É apenas o desvio do valor, a latitude de oscilação com que um valor se desvia. O desprezo da vida é o desvio da valoração da vida que nos foi confiada e de nós é exigida. O erro é a verdade desviada. O ódio é o amor fracassado. O antissentido é o não ao sentido. “Pólos opostos” desse tipo não são pólos, acabam revelando-se meros “nãos” dos pólos. São as partes podres das nozes e não suas metades. Se não existir o valor também não existe o desvio dele. Se não existe o desvio, o valor ainda existe.

Baruch Spinoza ilustrou muito bem o exposto com a inconversibilidade das afirmações. O erro é o desvio da verdade, mas a verdade não é o desvio do erro. O conhecimento do erro não nos diz nada sobre a verdade. O conhecimento da verdade, ao contrário, também nos diz tudo sobre o erro. Se alguém sabe que um caminho é errado (que não leva à meta), ainda está longe de conhecer o caminho certo (que leva à meta). Se alguém conhece o caminho certo, conhece também todos os caminhos errados. O conhecimento do caminho verdadeiro é mais abrangente. Como o certo e o errado poderiam ser conceitos polares? O certo é a medida do errado e não o inverso.

Exatamente a mesma coisa acontece com as crises da vida. Elas são perigo e chance, mas perigo e chance não estão justapostos. A chance é superior. A chance é o verdadeiro, o essencial para o qual está ordenada toda crise. A grandeza do valor que está adormecido, oculto na crise. Quem conhece a chance também entende o perigo do qual escapa ao optar pela chance. Quem conhece o perigo ainda está longe de ter entendido a chance de escapar. O perigo de perecer psicicamente numa crise é o desvio do sentido da crise, o não compreender o potencial de sentido nela insito ou, na formulação de Bijan Amini, a não solução do seu enigma de sentido. E o exemplo de

Gandhi esclarece isso de maneira excelente. O desesperado hindu aproxima-se de Gandhi gritando: “Vou acabar como um animal... Eu matei uma criança. Matei uma criança, o Senhor entende”? Tem meridianamente diante de si o perigo da crise, o naufrágio do humano (como um animal!) na culpa. Mas ainda não vê nenhuma chance. Só depois que esta lhe é mostrada, sabe de ambas: sucumbir e ressuscitar. E ao mesmo tempo sabe: toda a sua crise está centrada num valor, num único pólo, um ponto central: a ressurreição do humano. Tudo o mais é...nada.

Assim a preocupação de uma pedagogia frutífera da crise só pode ser a de apontar o valor em questão que está ameaçado, porque a pessoa está se desviando dele. Seu objetivo não pode ser transformar meias histórias em histórias completas, como postula a filosofia da polaridade, mas salvar a quintessência e os pontos altos de histórias, que estão em perigo de banalizar-se ou de fugirem do seu tema. Não é necessário completar justapondo pólos, mas a sobreposição do valor sobre o, não valor. Reconhecer aquele reflexo de sentido que incide em cada mínimo ângulo da nossa existência terrena, na alegria e na dor, em todas as contradições polares da vida, até nos mais obscuros recantos dos abismos humanos...; incansavelmente anunciando o *logos* (“no princípio era o *logos*”), o Uno primordial (“sou o que sou”), fora do que não há nada. Pois tudo o que existe está debaixo dele. Apesar disso: tudo o que se volta para ele, “redimido” do desvio, é recebido no seio da sua graça.